

20 ANOMALIA DO DESENVOLVIMENTO EM TECIDO PREPUCIAL CANINO

ROCHA, B. Z. L. L.¹; FERREIRA, M. B.¹; FERNANDES, K. S. B. R.¹; SILVA, A. M.¹; MARQUES, K. C.¹; FILGUEIRA, K. D.²

¹ Residentes em Clínica Médica de Pequenos Animais na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) – Mossoró, RN

² Médico-veterinário, mestre e docente na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) – Mossoró, RN. E-mail: brizza_zorayd@hotmail.com

As anomalias do desenvolvimento são definidas como ausência, deformidade ou excesso de partes corpóreas, como resultado da gênese deficiente do embrião. Em cães, estima-se que os problemas congênitos acometem cerca de 1 a 2%. Dentre as anormalidades congênitas na genitália externa do macho canino, as relacionadas ao prepúcio são: hipoplasia, agenesia ou fusão incompleta. Nesta última situação, não há oclusão embriológica normal das pregas genitais sobre o pênis, resultando em um prepúcio deficiente. O presente trabalho descreve um caso de patologia congênita em prepúcio de cão.

Um canino, macho, com dois meses de idade e sem raça definida possuía alteração em região peniana desde o nascimento. Não havia relato de alterações nos genitores, assim como nos demais exemplares da ninhada. O paciente foi submetido à avaliação física. O tutor não autorizou a realização de exames complementares e/ou procedimentos cirúrgicos, optando somente por cuidados paliativos, como hidratação e antisepsia da área acometida.

Constatou-se normalidade dos parâmetros vitais. A semiologia do sistema reprodutor detectou ausência de fusão do terço caudal da rafe prepucial e exposição local da lâmina interna do prepúcio, com pênis completamente exposto, desidratado e desviado lateralmente. Contudo, verificou-se ausência de hipospádia. O óstio prepucial era normal e havia presença de osso peniano. Ambos os testículos se situavam em bolsa escrotal e inexistiam má-formações perineais. Os cães com anomalias do desenvolvimento prepucial são geralmente atendidos em virtude da protrusão do pênis, o que pode ocasionar o ressecamento da mucosa do órgão. Tal situação foi compatível com o animal descrito. Em alguns casos, a não fusão do prepúcio acompanha a hipospádia e o subdesenvolvimento peniano, todavia, essa afirmação divergiu do presente relato, em relação às comorbidades correlatas. O tratamento cirúrgico para os distúrbios prepuciais congênitos é pouco empregado. Com base nessa informação, justificou-se o encorajamento do tutor para adotar apenas medidas conservativas.

Em machos caninos de idade pediátrica, deve-se considerar a ocorrência de enfermidades congênitas prepuciais, mesmo com normalidade da maioria das estruturas que compõem a genitália externa.

21 TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL METASTÁTICO EM CANINO ACOMETIDO POR LEISHMANIOSE VISCERAL

ROCHA, B. Z. L. L.¹; FERREIRA, M. B.¹; FERNANDES, K. S. B. R.¹; SILVA, A. M.¹; MARQUES, K. C.¹; FILGUEIRA, K. D.²

¹ Residentes em Clínica Médica de Pequenos Animais na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) – Mossoró, RN

² Médico-veterinário, mestre e docente na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa) – Mossoró, RN. E-mail: kilder@ufersa@edu.br

O tumor venéreo transmissível canino é uma neoplasia de ocorrência natural que afeta primariamente a mucosa genital e apresenta reduzida frequência de metástases à distância. Porém, quando o paciente oncológico é acometido por enfermidade infecciosa, como a leishmaniose visceral, podem ocorrer alterações no comportamento biológico da neoplasia. O presente trabalho relata um caso de tumor venéreo transmissível, de padrão metastático, em um canídeo acometido por leishmaniose visceral (LVC).

Um canino macho, com dois anos, da raça pinscher, apresentava neofomações distribuídas pela superfície corpórea. O paciente foi submetido à avaliação física. Optou-se pela realização de citologia das alterações e sorologia para leishmaniose visceral (pelos métodos de imunofluorescência indireta e ensaio imunoenzimático). Posteriormente, o cão veio a óbito.

Constataram-se múltiplos e esparsos nódulos e tumores subcutâneos nas regiões palpebral, frontal, costal e dorsal. Também ocorria proliferação em tecido peniano. Na citopatologia das lesões foram observadas células neoplásicas compatíveis com tumor venéreo transmissível, e a apresentação clínica definiu o quadro como metastático. O exame sorológico para LVC foi reagente para ambas as técnicas. A resistência ou suscetibilidade para a LVC associa-se à estimulação da resposta dos linfócitos T auxiliares do tipo Th1 ou Th2, respectivamente. A ativação dos linfócitos Th2 conduz a produção de citocinas envolvidas na replicação de linfócitos B, os quais se diferenciam em plasmócitos e subsequentemente secretam anticorpos de forma excessiva, não protetora e prejudicial, favorecendo a progressão da doença. Logo, no caso em evidência, cogitou-se a hipótese de que a exacerbação da resposta imune humoral da leishmaniose visceral tenha influenciado a disseminação da neoplasia.

A ocorrência de tumor venéreo transmissível metastático pode corresponder a um fator sentinela para a presença da leishmaniose visceral canina.